

## O GRITO DA TERRA E DOS POVOS: A PRESENÇA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA EM TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS

*Elis Ribeiro dos Santos, SDP<sup>1</sup>*

### Resumo

Este texto reflete sobre os novos rostos da pobreza que emergem na Amazônia no contexto da crise socioambiental que atravessa o território. Marcada pela profunda conexão entre povos, terra e espiritualidade, a região revela fortes contradições: ao mesmo tempo em que abriga uma extraordinária diversidade de vida, segue sendo alvo de processos históricos e atuais de exploração, deslocamentos forçados e profundas desigualdades sociais. Nas periferias urbanas amazônicas, especialmente em cidades como Manaus, convivem populações migrantes vindas dos rios e da floresta, povos indígenas em territórios urbanizados e pessoas provenientes de diferentes regiões do país e da América Latina, evidenciando novas formas de vulnerabilidade social. A partir da minha experiência como mulher indígena do povo Mura e religiosa inserida na Amazônia urbana, busco mostrar como essas realidades revelam não apenas novos rostos da pobreza entre os povos, mas também as feridas abertas na própria Mãe Terra, ameaçada por um sistema que explora os territórios e os bens da vida, gerando o empobrecimento. Nesse contexto, a presença da Vida Religiosa Consagrada feminina torna-se sinal de proximidade, resistência e esperança, reafirmando seu chamado profético de permanecer ao lado dos povos da floresta, dos rios e das cidades na defesa da dignidade humana, dos territórios e da vida.

**Palavras-chave:** Amazônia; Povos indígenas; Territórios; Vida Religiosa Consagrada feminina; Periferias amazônicas.

---

<sup>1</sup> Religiosa Indígena do Povo Mura. Irmã da Divina Providência. Formada em Pedagogia com Mestrado em Antropologia Social. Articula, assessora e acompanha projetos socioambientais ligados à Economia de Francisco e Clara, Coordenadora do Projeto: Casa Amazônica de Francisco e Clara em Manaus. É membro das comissões: Ecologia Integral da Arquidiocese de Manaus e Justiça, paz e integridade da Criação/JPIC da sua Província Religiosa.

### Introdução

A vida que brota na Amazônia nasce da relação profunda entre a terra e tudo o que a compõe. É floresta, são rios, são caminhos de comunidades que aprenderam, ao longo do tempo, a viver em comunhão com os ciclos da natureza. Mas é também cidade, onde se revelam as contradições de um território imensamente belo, marcado, ao mesmo tempo, por um longo processo de saqueamento e exploração que ainda hoje continua ameaçando a vida em suas múltiplas formas.

Nos confins da floresta, nas comunidades ribeirinhas e indígenas, nas periferias urbanas que crescem às margens das grandes cidades amazônicas, a presença da Vida Religiosa feminina tem sido um sinal silencioso e persistente de proximidade com as populações mais vulnerabilizadas. Inseridas em territórios frequentemente marcados pelo abandono do poder público e pela pressão de interesses econômicos sobre a terra e os bens da natureza, muitas religiosas caminham junto às comunidades, partilhando suas dores, esperanças e lutas.

A Amazônia urbana revela um dos rostos contemporâneos da pobreza no continente. Nas periferias das cidades amazônicas, como Manaus, convivem populações migrantes vindas dos rios e da floresta, povos indígenas que vivem processos forçados de deslocamento territorial, pessoas provenientes de diferentes regiões do país em busca de trabalho e melhoria de vida, além de migrantes de outros países latino-americanos que chegam fugindo de crises econômicas, conflitos políticos e situações humanitárias emergenciais. Nesse cenário diverso e complexo, juventudes marcadas pela falta de oportunidades e mulheres que sustentam cotidianamente a vida familiar enfrentam profundas desigualdades sociais. É a partir dessas periferias — onde se entrelaçam histórias de deslocamento, resistência e reinvenção da vida — que também se levantam clamores diante das múltiplas crises que atravessam nosso tempo: a crise climática, a desigualdade social, a violência e a destruição dos territórios.

Nesse contexto, a Amazônia se revela não apenas como um território geográfico, mas como um verdadeiro lugar teológico, onde a vida se manifesta em profunda interdependência entre povos, natureza e espiritualidade. Para nós, povos indígenas, o cuidado com a vida está profundamente ligado à nossa própria existência. A Amazônia não é

apenas um espaço onde vivemos, ela é extensão do nosso corpo-território. A floresta, os rios, os ciclos da natureza e as relações comunitárias fazem parte da nossa forma de existir no mundo. Quando a Amazônia é ferida, também são feridos nossos corpos, nossas culturas e as nossas espiritualidades.

Essa compreensão revela uma sabedoria ancestral que hoje se torna cada vez mais urgente diante da crise socioambiental global. A defesa da floresta, dos rios e dos territórios não é apenas uma pauta ambiental, mas uma expressão concreta do cuidado com a vida. A presença da Vida Religiosa, especialmente feminina, em tantos lugares esquecidos da Amazônia, revela uma espiritualidade encarnada que busca responder ao clamor da terra e ao clamor dos pobres, como recorda o papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, ao afirmar que tudo está interligado.

É também nesse horizonte que surgem iniciativas concretas de mobilização e cuidado da vida. Experiências como a *Casa Amazônica de Francisco e Clara*<sup>3</sup>, construída em diálogo com mulheres e juventudes de periferias de Manaus, procuram fortalecer processos comunitários que integrem justiça social, cuidado com a Casa Comum e novas formas de organização da vida econômica e comunitária. Essas iniciativas revelam que, mesmo em meio às profundas feridas socioambientais, as periferias amazônicas são também lugares de resistência, criatividade e esperança.

No entanto, diante da crescente crise climática e socioambiental, os territórios amazônicos continuam sendo palco de intensos conflitos e ameaças. A expansão de projetos extrativistas, a mineração, o desmatamento e a apropriação indevida dos territórios seguem produzindo novas formas de empobrecimento que atingem de modo particular os povos indígenas. Mesmo quando grandes espaços internacionais de debate, como as conferências climáticas globais, geram expectativas de mudanças estruturais, a realidade vivida nos territórios mostra que os avanços ainda são insuficientes diante da urgência de proteger a Amazônia e seus povos.

<sup>2</sup> Francisco, Encíclica *Laudato Si'*, 2015.

<sup>3</sup> Iniciativa comunitária localizada na periferia de Manaus que articula ações de ecologia integral, novas economias, formação socioambiental e cuidado da vida junto a mulheres, juventudes e comunidades locais, inspirada nos princípios da Economia de Francisco e Clara e no compromisso com o cuidado da Casa Comum.

É nesse cenário que a resistência e a luta dos povos indígenas continuam sendo uma das expressões mais fortes de defesa da vida e da Casa Comum. Experiências recentes, como as mobilizações protagonizadas por povos indígenas no Baixo Tapajós<sup>4</sup>, revelam que a proteção da Amazônia segue sendo sustentada, sobretudo, pela coragem e pela organização dos próprios povos que habitam e cuidam desses territórios.

A partir da minha experiência, como mulher indígena do povo Mura, e religiosa da Amazônia, inserida também na realidade da Amazônia urbana, esta reflexão busca compreender como a ferida aberta na Mãe Terra revela novos rostos da pobreza em nosso continente e como a Vida Religiosa é chamada, hoje, a permanecer ao lado dos povos da floresta, dos rios e das periferias amazônicas na defesa da vida, da dignidade e da Casa Comum.

### **1. Quando a Terra é ferida: novos rostos da pobreza na Amazônia**

A crise socioambiental que atravessa a Amazônia revela que a pobreza em nosso tempo assume novas configurações. Ela não se limita apenas à falta de recursos materiais, mas se expressa também na ruptura das relações entre território, cultura e vida. Como recorda o papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental”<sup>5</sup>. Na Amazônia, essa realidade torna-se particularmente evidente: quando a floresta é derrubada, quando os rios são ameaçados, quando os territórios são invadidos, a vida inteira de povos e comunidades é atingida, não só em sua dimensão econômica, mas também cultural, espiritual e existencial.

Em nossa experiência de inserção nas periferias de Manaus, convivendo com mulheres, juventudes e famílias que chegam de diferentes partes da Amazônia, do interior dos estados e até de outros países, torna-se visível como essas múltiplas crises se entrelaçam. Muitos chegam à cidade depois de processos de deslocamento marcados por conflitos territoriais, falta de oportunidades, violência, crises políticas ou situações humanitárias emergenciais. Nas periferias amazônicas, essas histórias se encontram

---

<sup>4</sup> Os territórios do Baixo Tapajós, do rio Madeira e da bacia do Tocantins têm sido palco de intensos conflitos socioambientais na Amazônia brasileira, envolvendo projetos de mineração, hidrelétricas, exploração madeireira e outras formas de extrativismo que impactam diretamente os territórios e os modos de vida de povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais.

<sup>5</sup> Francisco, Encíclica *Laudato Si'*, 139.

e revelam novos rostos da pobreza que combinam desigualdade social, migração, racismo estrutural e fragilidade socioambiental.

O avanço de grandes projetos extrativistas, a expansão da mineração, o desmatamento e a pressão sobre os territórios tradicionais têm produzido profundas transformações na vida das comunidades amazônicas. Povos indígenas, ribeirinhos e populações tradicionais veem seus territórios ameaçados, enquanto muitos acabam sendo empurrados para os centros urbanos, onde enfrentam a precarização do trabalho, a insegurança habitacional e a perda de vínculos comunitários. Como aponta Leonardo Boff<sup>6</sup>, a crise ecológica contemporânea revela uma crise mais profunda da própria relação da humanidade com a Terra, marcada por uma lógica de exploração que transforma a natureza em mero recurso. Na Amazônia, essa lógica se traduz em territórios feridos, conflitos recorrentes e na intensificação de um empobrecimento que atinge a vida humana e a vida da própria floresta.

Diante dessa realidade, torna-se cada vez mais necessário escutar os clamores que emergem dos territórios amazônicos. O sofrimento das comunidades e a devastação da natureza revelam que os gritos da Terra e dos povos estão profundamente interligados, convidando-nos a uma escuta mais profunda da realidade.

## **2. O grito da Terra e o grito dos povos: escutar a realidade amazônica**

A tradição da teologia latino-americana tem insistido na necessidade de escutar os clamores que emergem da realidade. Gustavo Gutiérrez<sup>7</sup>, ao refletir sobre a opção preferencial pelos pobres, recorda que a fé cristã nasce da escuta do sofrimento concreto dos povos. Na Amazônia, essa escuta se amplia ao reconhecer que o sofrimento dos povos está profundamente ligado ao sofrimento da própria Terra.

Essa percepção também encontra eco nas reflexões de autoras e autores indígenas que, a partir de suas próprias experiências, saberes e espiritualidades têm denunciado as consequências da ruptura entre

<sup>6</sup> Leonardo Boff, 2015.

<sup>7</sup> Gustavo Gutiérrez, 1971.

humanidade e natureza. O líder indígena Ailton Krenak<sup>8</sup> lembra que a crise ecológica contemporânea revela uma profunda crise civilizatória, marcada pela ideia equivocada de que os seres humanos estão separados da Terra. Para nós, povos originários, ao contrário, a Terra é uma realidade viva da qual fazemos parte.

De modo semelhante, a escritora indígena Eliane Potiguara<sup>9</sup> recorda que o território representa muito mais do que um espaço físico de sobrevivência: ele guarda a memória, a espiritualidade e a continuidade da vida dos povos indígenas. Quando os territórios são destruídos ou ameaçados, não se perde apenas a terra, mas parte da própria história e identidade coletiva dos povos.

Para quem vive e caminha junto às comunidades amazônicas, essa conexão torna-se evidente no cotidiano. Como religiosa indígena inserida nessa realidade, compreendo que a Amazônia, nosso território ancestral, não é apenas espaço de sobrevivência, mas parte da própria existência dos povos. Quando esse território é ameaçado, também são feridas as culturas, espiritualidades e formas de vida que dele dependem. Nesse horizonte, a Casa Amazônica de Francisco e Clara procura ser, no contexto urbano de Manaus, um espaço de reencontro com essas raízes. A maioria das mulheres e jovens que integram o projeto trazem em suas histórias vínculos com comunidades ribeirinhas e com o interior da Amazônia, e a lógica da cidade frequentemente tende a silenciar nossas origens. Por meio de experiências de espiritualidade ecológica, cuidado com a terra e fortalecimento comunitário, a Casa busca favorecer processos de reconexão com o território, com a memória e com o cuidado com a Casa Comum.

O antropólogo indígena Gersem Baniwa<sup>10</sup> destaca que os conhecimentos indígenas oferecem importantes contribuições para repensar a relação entre humanidade e natureza. Segundo ele, os povos indígenas compreendem a vida a partir de relações de reciprocidade entre seres humanos, natureza e espiritualidade, uma visão que desafia profundamente a lógica de exploração que tem marcado o modelo de desenvolvimento dominante.

---

<sup>8</sup> Ailton Krenak, 2019.

<sup>9</sup> Eliane Potiguara, 2019.

<sup>10</sup> Gersem Baniwa, 2006.

Nessa perspectiva, como afirma a Querida Amazônia<sup>11</sup>, a Igreja é convocada a escutar os clamores dos povos amazônicos, para exercer com transparência seu papel profético<sup>12</sup>. Escutar os gritos dos pobres e ao mesmo tempo o da terra. É um grito desde a escravidão e o abandono, que clama por liberdade<sup>13</sup>.

Diante de tudo isso “é preciso indignar-se, como se indignou Moises (EX, 11,8), como se indignava Jesus (Mc 3, 5), como se indignava Deus perante a injustiça (Am 2, 4-8; 5, 7-12). Não é salutar habituarmos-nos ao mal, faz-nos mal permitir que nos anestesiem a consciência social, enquanto um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do habitat de indígenas e periféricos (DAp, 473)<sup>14</sup>.

É nesse cenário de conflitos, resistências e esperanças que a presença da Vida Religiosa Consagrada na Amazônia ganha particular significado, ao escolher caminhar junto aos povos e comunidades que defendem a vida e os territórios.

### **3. Vida Religiosa Consagrada: presença e esperança nos territórios**

Nesse cenário de desafios e conflitos, a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia tem buscado permanecer próxima dos povos e comunidades. Historicamente, muitas Religiosas e Religiosos escolheram viver em regiões de difícil acesso, em comunidades ribeirinhas, aldeias indígenas e periferias urbanas, partilhando a vida com as populações locais.

Em nossa experiência concreta nas periferias de Manaus, especialmente no trabalho desenvolvido junto às mulheres e juventudes, percebemos como a organização comunitária pode abrir caminhos de esperança. A Casa Amazônica de Francisco e Clara nasce justamente dessa caminhada partilhada, como um espaço de encontro, formação e fortalecimento das comunidades, inspirado nos princípios da ecologia integral e da Economia de Francisco e Clara.

<sup>11</sup> Francisco, *Querida Amazônia*, 2020.

<sup>12</sup> Francisco, *Querida Amazônia*, 19.

<sup>13</sup> Francisco, *Querida Amazônia*, 52.

<sup>14</sup> Francisco, *Querida Amazônia*, 15.

O Sínodo para a Amazônia<sup>15</sup> reconheceu essa presença da Vida Religiosa ao afirmar que muitas comunidades sobrevivem graças à dedicação de missionárias e missionários que acompanham o cotidiano das populações amazônicas<sup>16</sup>. Mais do que uma atuação pastoral, trata-se de uma presença que busca caminhar junto com os povos, aprender com seus saberes e fortalecer suas lutas pela defesa da vida e dos territórios.

É necessário continuar construindo redes de solidariedade e desenvolvimento sustentável, a fim de favorecer a globalização da solidariedade, uma globalização sem marginalização<sup>17</sup>, que ajude a consolidar o bem viver, a harmonizar o bem querer, e tornar ético o bem fazer.

Diante deste cenário, renova-se também o chamado profético da Vida Religiosa Consagrada na Amazônia. Somos convidadas a permanecer com os povos, escutar o clamor da terra e o grito dos pobres, e sustentar, mesmo em meio às contradições do nosso tempo, sinais de esperança que brotam da vida simples e resistente das comunidades. Como recorda o Documento de Santarém<sup>18</sup>, “Cristo aponta para a Amazônia”, e a mão que aponta é a mão do Crucificado-Ressuscitado (n. 23). Desde esta terra ferida e fecunda, a Vida Religiosa é chamada a ser presença que denuncia as estruturas que geram morte, mas também a anunciar, com gestos concretos, que outra forma de habitar o mundo é possível — uma forma marcada pela fraternidade, pelo cuidado com a casa comum e pela defesa incondicional da vida dos povos da floresta, das águas e das periferias amazônicas.

### Referências

Baniwa, Gersem José dos Santos Luciano. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional, 2006.

Bíblia. Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

Boff, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2015.

<sup>15</sup> Sínodo para a Amazônia, 2019.

<sup>16</sup> Sínodo para a Amazônia, Documento Final do Sínodo para a Amazônia, 94.

<sup>17</sup> Francisco, *Querida Amazônia*, 17.

<sup>18</sup> Comissão Episcopal especial para a Amazônia – CNBB, Documento de Santarém, 2022.

- Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.
- Francisco. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus, 2015.
- Francisco. *Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2020.
- Gutiérrez, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Potiguara, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2019.
- Sínodo para a Amazônia. *Documento Final do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica*. Vaticano, 2019.
- Comissão Episcopal especial para a Amazônia – CNBB; REPAM-Brasil. Documento de Santarém 50 anos: gratidão e profecia. Brasília: Edições CNBB, 2022.